

RUBEM
BRAGA

DN - 8.8.59
DIV 48 69

4.5.66

O LIVRO DA MÔÇA

Abro a máquina ungido de boa vontade; vou escrever uma crônica sobre o livro da môça. Afinal de contas a gente, de vez em quando, precisa fazer uma gentileza. A môça é bonita, simpática, inteligente e escreve bem.

Folheio o livro. Os poemas são bem feitos, em geral curtos, e de inegável bom gosto. Às vezes um pouco herméticos. Sempre exprimem alguma coisa, ou sugerem; mas é raríssimo encontrar nêles um verdadeiro poder de emoção. São poemas, se me permitem a palavra (que vai no seu sentido mais trivial), distintos. Bem comportados, sem o menor derrame ou cafajestismo, escritos com um nobre pudor e uma sábia economia de palavras.

Seria fácil elogiá-los. Mas acontece que estou frio. Os versos são arrumadinhos e discretos; não há nenhum lugar-comum. Acho que se poderia falar mesmo em elegância de estilo. Parece que a môça se preocupou um pouco

em condensar — mas nem sempre teve o quê.

Chego à varanda. O mar arremete com vagas furiosas, esplêndidas. Respiro o vento acre de maresia. Não escreverei sobre o livro da môça. Que outros o elogiem; é fácil e, provavelmente, justo. Mas a força e o tumulto dessa ressaca, a grande raiva generosa dessas espumas ferventes, o galope selvagem dêsse vento, tudo isso me deixou incompatibilizado com o livro da môça.

Dois meninos estão na calçada olhando o mar. Há muita gente apreensiva com a ressaca. Um menino aponta uma onda, grita alguma coisa, ri. Eu sei: êle está torcendo pela ressaca; todos os meninos do mundo são a favor das ressacas e das enchentes.

Aquêles dois estão felizes, os pés molhados pela espuma. Uma coisa não tem nada a ver com outra — mas não escreverei sobre o livro da môça.

Maneiras de dizer

Foi contratado para leão-de-chácara de um bar noturno. Explicava a um amigo, vindo da mesma cidade do interior, que estava trabalhando naquele bar.

— Bar? E o que é que você faz lá?

— Bem... relações públicas.